

COLEÇÃO ARGONAUTAS

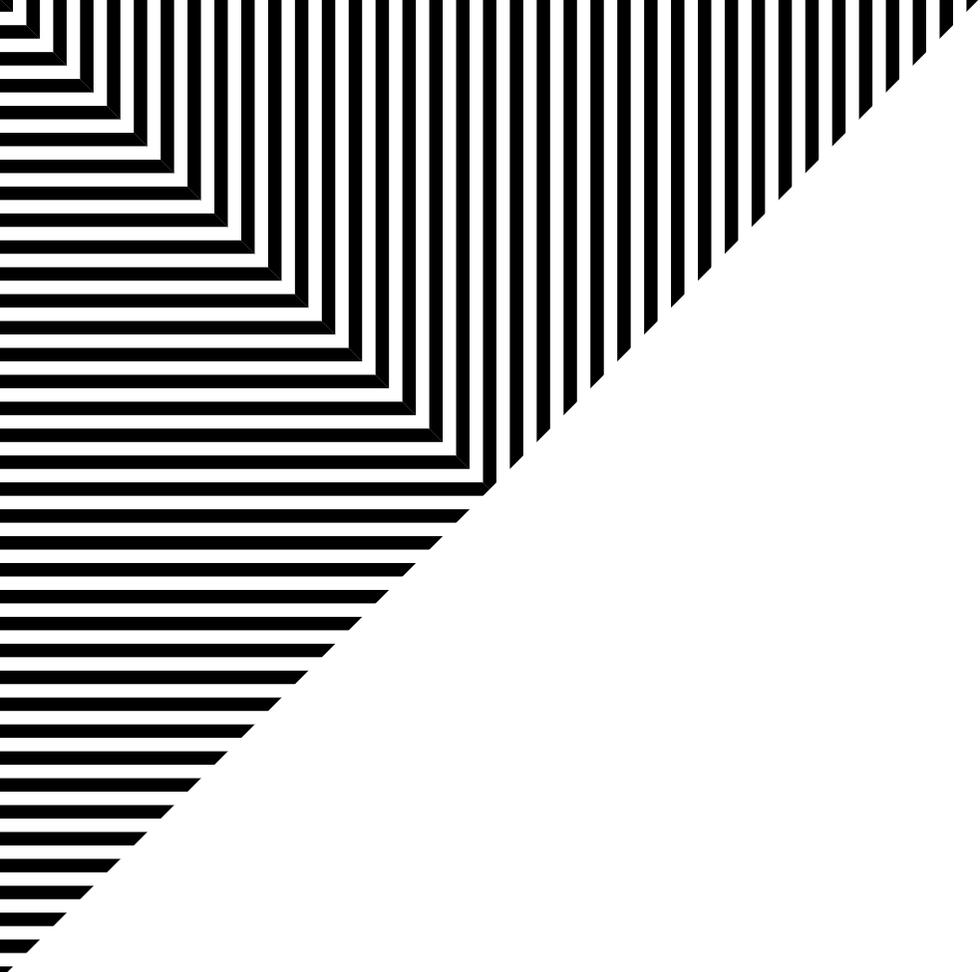
Este ensaio de Marcel Mauss, escrito em colaboração com Henri Hubert em 1899, flagra num momento inaugural um pensamento que já então revelava toda sua riqueza. Tal como Lévi-Strauss nos fez compreender em relação ao “Ensaio sobre a dádiva”, aqui também o fascínio consiste em ver a multiplicidade empírica reduzir-se à unidade do conceito: não se trata de inventariar as modalidades e formas de sacrifício, mas de desvendar a lógica que comanda sua realização.

Não por acaso, Mauss descarta os estudos etnográficos de seus contemporâneos, que buscam em formas históricas simples a origem do sacrifício e sua evolução. Ao contrário, ele se concentra em dois exemplos – os sacrifícios judaicos e védicos – que, tomados de religiões opostas em seus princípios, mas contextualizados em culturas definidas, podem ser considerados como típicos, permitindo explicar o fenômeno por meio de uma comparação bem fundada. Se há formas simples a se buscar, sua anterioridade é lógica, não cronológica, pois o social só se explica pelo social. Aqui Mauss, colaborador de Durkheim, esclarece a natureza do sacrifício ao revelar seu mecanismo, mostrando sua *função social*.

De uma perspectiva antropológica, os textos sagrados hindus e judaicos prescrevem ações, explicitam representações e refletem valores e emoções que organizam a conduta de sacerdotes e fiéis frente a diferentes modalidades de sacrifício e nas sucessivas etapas de sua realização. Ao comparar as descrições feitas a partir da experiência de seus participantes, Mauss observou recorrências e variações para construir o *sistema do sacrifício*, ao qual então podem acrescentar-se elementos análogos de outras culturas, uma vez constituída a totalidade na qual encontram seu lugar.

Nesse sentido, é possível entender até mesmo um orô de terreiro de candomblé, sacrifício não contemplado neste texto, mas que ele esclarece, porque trata de estruturas socioculturais e psíquicas imemoriais que presidem ao sacrifício. Aqui vemos o alcance da análise de um pequeno ensaio genial como este: ele nos ensina a *compreender* o que *vivenciamos*, entre a exaltação e o terror do sagrado, na experiência do sacrifício.

MARIA LUCIA MONTES



**MARCEL MAUSS E HENRI HUBERT  
SOBRE O SACRIFÍCIO**

tradução Paulo Neves

**ubu**



7	<b>Introdução</b>
13	<b>1. Definição e unidade do sistema sacrificial</b>
21	<b>2. O esquema do sacrifício</b>
43	<b>3. Como o esquema varia segundo as funções gerais do sacrifício</b>
51	<b>4. Como o esquema varia segundo as funções especiais do sacrifício</b>
63	<b>5. O sacrifício do deus</b>
75	<b>6. Conclusão</b>
83	Notas
127	Bibliografia
139	Sobre os autores

## INTRODUÇÃO

Propusemo-nos neste trabalho definir a natureza e a função social do sacrifício.\* O empreendimento seria ambicioso se não tivesse sido preparado pelas pesquisas de Tylor, Robertson Smith e Frazer. Sabemos tudo o que lhes devemos. Mas outros estudos nos permitem propor uma teoria diferente da deles e que nos parece mais abrangente. Aliás, pensamos em apresentá-la apenas como uma hipótese provisória: informações novas sobre um tema tão vasto e tão complexo não podem deixar de nos levar, no futuro, a modificar nossas ideias atuais. Feitas essas ressalvas, julgamos, no entanto, que poderia ser útil coordenar os fatos de que dispomos e oferecer uma concepção de conjunto.

A história das concepções antigas e populares do sacrifício-dádiva, do sacrifício-alimento e do sacrifício-contrato e o estudo dos efeitos que elas podem ter tido sobre o ritual não irão nos deter, por maior interesse que possam ter. As teorias do sacrifício são velhas como as religiões, mas para nelas encontrar um caráter científico foi preciso esperar os anos recentes. É à escola antropológica e sobretudo a seus representantes ingleses que cabe o mérito de tê-las elaborado.

Sob a inspiração paralela de Bastian, Spencer e Darwin, Tylor,<sup>1</sup> comparando fatos tomados de raças e civilizações diferentes, imaginou uma gênese das formas do sacrifício. Segundo esse autor, o sacrifício é originariamente uma dádiva que o selvagem faz a

---

\* Publicado originalmente como "Essai sur la nature et la fonction du sacrifice". *Année Sociologique*, v. 2, 1899.

seres sobrenaturais aos quais lhe convém se ligar. Depois, quando os deuses se alçaram e se afastaram dos homens, a necessidade de continuar a transmitir-lhes essa dádiva fez nascer os ritos sacrificiais, destinados a fazer chegar até esses seres espirituais as coisas espiritualizadas. À dádiva sucedeu a homenagem em que o fiel não exprime mais qualquer esperança de retorno. Para que daí o sacrifício se tornasse abnegação e renúncia não havia mais que um passo; assim, a evolução fez o rito passar dos presentes do selvagem ao sacrifício de si. Mas se essa teoria descrevia bem as fases do desenvolvimento moral do fenômeno, não explicava seu mecanismo. Não fazia, em suma, senão reproduzir numa linguagem definida as velhas concepções populares. Sem dúvida, havia uma parte de verdade histórica nessa teoria. É certo que os sacrifícios foram geralmente, em algum grau, dádivas<sup>2</sup> que conferiam ao fiel direitos sobre seu deus. Serviram também para alimentar as divindades. Mas não era suficiente constatar o fato: era preciso explicá-lo.

Na verdade, R. Smith<sup>3</sup> foi o primeiro a tentar uma explicação racional do sacrifício. Ele estava inspirado pela descoberta recente do totemismo.<sup>4</sup> Assim como a organização do clã totêmico lhe havia explicado a família árabe e semítica,<sup>5</sup> ele também quis ver nas práticas do culto totêmico a raiz do sacrifício. No totemismo, o totem ou o deus é parente de seus adoradores; são da mesma carne e do mesmo sangue; o rito tem por objeto manter e garantir essa vida comum que os anima e os associa. Se necessário, ele restabelece a unidade. A “aliança pelo sangue” e a “refeição em comum” são os meios mais simples de atingir esse resultado. Ora, aos olhos de R. Smith o sacrifício não se distingue dessas práticas. Segundo ele, tratava-se de uma refeição na qual os fiéis, ao comerem o totem, assimilavam-no e assemelhavam-se a ele, aliavam-se entre si ou com ele. A morte sacrificial não tinha outro fim senão permitir o consumo de um animal sagrado e, portanto, interdito. Do sacrifício comunal R. Smith deduz os sacrifícios expiatórios ou propiciatórios, isto é, os piáculos e os sacrifícios-dádivas ou honorários. Para ele, a expiação é apenas o restabelecimento da aliança rompida, e o sacrifício totêmico tinha justamente todos os efeitos de um rito expiatório. Aliás, ele reconhece essa virtude em todos os sacrifícios, mesmo após o total desaparecimento do totemismo.

Restava explicar por que a vítima, primitivamente partilhada e comida pelos fiéis, era geralmente destruída por inteiro nos piá-

culos. É que a partir do momento em que os antigos totens foram suplantados pelos animais domésticos no culto dos povos pastores eles não mais figuraram nos sacrifícios a não ser raramente, por ocasião de circunstâncias particularmente graves. Por consequência, foram vistos como sagrados demais para que os profanos pudessem tocá-los: somente os sacerdotes os comiam, ou então se fazia desaparecer tudo. Nesse caso, a extrema santidade da vítima acaba por se transformar em impureza; o caráter ambíguo das coisas sagradas, que R. Smith tão admiravelmente havia mostrado, permitiu-lhe explicar facilmente como pudera se produzir uma tal transformação. Por outro lado, quando o parentesco dos homens e dos animais deixou de ser inteligível aos semitas o sacrifício humano substituiu o sacrifício animal, pois se tornou o único meio de estabelecer uma troca de sangue direta entre o clã e o deus. Mas então as ideias e os costumes que protegiam na sociedade a vida dos indivíduos, proscrevendo a antropofagia, fizeram cair em desuso a refeição sacrificial.

De outra parte, o caráter sagrado dos animais domésticos, profanados cotidianamente pela alimentação do homem, foi pouco se apagando. A divindade se separou de suas formas animais. Ao se afastar do deus, a vítima se aproximou do homem, proprietário do rebanho. Desse modo, para explicar a oferenda da vítima passou-se a representá-la como uma dádiva do homem aos deuses. Assim se originou o sacrifício-dádiva. Ao mesmo tempo, a similitude dos ritos da pena e do rito sacrificial, a efusão de sangue que se dava em ambos, conferiu um caráter penal às comunhões piaculares da origem e as transformou em sacrifícios expiatórios.

A essas pesquisas vinculam-se, de um lado, os trabalhos de Frazer e, de outro, as teorias de Jevons. Com mais circunspeção em alguns pontos, estas últimas são, em geral, a exacerbação teológica da doutrina de Smith.<sup>6</sup> Já Frazer<sup>7</sup> traz um acréscimo importante. A explicação do sacrifício permanecera rudimentar em Smith. Sem desconhecer seu caráter naturalista, ele fazia do sacrifício um piáculo de ordem superior. A antiga ideia do parentesco entre a vítima totêmica e os deuses sobrevivia para explicar os sacrifícios anuais, que comemoravam e reeditavam um drama cuja vítima era o deus. Frazer reconheceu a semelhança existente entre esses deuses sacrificados e os demônios agrários de Mannhardt.<sup>8</sup> Associou ao sacrifício totêmico a morte ritual dos gênios da vegetação; mostrou como

do sacrifício e da refeição comunal, em que se pretendia assimilar-se aos deuses, advém o sacrifício agrário, no qual, para aliar-se ao deus dos campos no final de sua vida anual, este era morto e depois comido. Ao mesmo tempo constatou que frequentemente o velho deus assim sacrificado parecia, talvez por causa dos tabus a que estava associado, levar consigo a doença, a morte, o pecado, desempenhando o papel de vítima expiatória, de bode expiatório. Contudo, ainda que a ideia de expulsão fosse acentuada nesses sacrifícios, a expiação ainda parecia provir da comunhão. Frazer propôs-se antes completar a teoria de Smith do que discuti-la.

O grande defeito desse sistema é querer reduzir as formas tão múltiplas do sacrifício à unidade de um princípio arbitrariamente escolhido. Antes de mais nada, a universalidade do totemismo, ponto de partida de toda a teoria, é um postulado. O totemismo só aparece em estado puro em algumas tribos isoladas da Austrália e da América. Colocá-lo na base de todos os cultos teriomórficos é fazer uma hipótese talvez inútil, e em todo caso impossível de verificar. Sobretudo, é difícil encontrar sacrifícios propriamente totêmicos. O próprio Frazer reconheceu que muitas vezes a vítima totêmica era aquela de um sacrifício agrário. Noutros casos, os pretensos totens eram os representantes de uma espécie animal da qual dependia a vida da tribo, quer essa espécie fosse domesticada, quer fosse a caça preferida ou, ao contrário, particularmente temida. Seria necessária, no mínimo, uma descrição minuciosa de um certo número dessas cerimônias, e é precisamente isso que falta.

Mas aceitemos por um instante essa primeira hipótese, por contestável que seja. O desenrolar mesmo da demonstração é sujeito a crítica. O ponto delicado da doutrina é a sucessão histórica e a derivação lógica que Smith pretende estabelecer entre o sacrifício comunal e os outros tipos de sacrifício. Ora, nada mais duvidoso que isso. Toda tentativa de cronologia comparada dos sacrifícios árabes, hebreus ou outros por ele estudados é fatalmente desastrosa. As formas que parecem as mais simples são conhecidas apenas por meio de textos recentes. Ademais, essa simplicidade pode resultar da insuficiência dos documentos. Em todo caso, ela não implica nenhuma prioridade. Se nos ativermos aos dados da história e da etnografia, em toda parte encontraremos o piáculo ao lado da comunhão. Aliás, esse termo vago, “piáculo”, permite

a Smith descrever sob a mesma rubrica e nos mesmos termos purificações, propiciações e expiações, e é essa confusão que o impede de analisar o sacrifício expiatório. Por certo esses sacrifícios geralmente são seguidos de uma reconciliação com o deus; uma refeição sacrificial, uma aspersão de sangue, uma unção restabelecem a aliança. Só que para Smith é nos próprios ritos comuniais que reside a virtude purificadora desses tipos de sacrifício, de modo que a ideia de expiação é absorvida na ideia de comunhão. É certo que ele constata em algumas formas extremas ou simplificadas algo que não ousa ligar à comunhão, uma espécie de exorcismo, de expulsão de um caráter mau. Segundo Smith, porém, trata-se de procedimentos mágicos que nada têm de sacrificial, e ele explica com muita erudição e engenho a introdução tardia desses procedimentos no mecanismo do sacrifício. Ora, é precisamente isso que podemos admitir. Um dos objetivos do presente trabalho é mostrar que a eliminação de um caráter sagrado, puro ou impuro, é um elemento primitivo do sacrifício, tão primitivo e tão irreduzível quanto a comunhão. Se o sistema sacrificial tem sua unidade, ela deve ser buscada noutra parte.

O erro de Smith foi sobretudo um erro de método. Em vez de analisar o sistema do ritual semítico em sua complexidade originária, ele se dedicou a agrupar genealogicamente os fatos conforme as relações de analogia que acreditava perceber entre eles. Aliás, esse é um traço comum aos antropólogos ingleses, preocupados sobretudo em acumular e classificar documentos. De nossa parte, não desejamos fazer uma enciclopédia que nos seria impossível completar e que, vindo após as deles, não seria útil. Procuraremos estudar corretamente fatos típicos. Esses fatos, nós os tomaremos particularmente dos textos sânscritos e da Bíblia. Estamos longe de ter documentos de mesmo valor sobre os sacrifícios gregos e romanos. Ao se relacionar informações dispersas, fornecidas pelas inscrições e pelos autores, obtém-se apenas um ritual disparatado. Já na Bíblia e nos textos hindus temos corpos de doutrinas que pertencem a uma época determinada. O documento aí é direto, redigido pelos próprios atores em sua língua e no mesmo espírito com que cumpriam os ritos, ou então com uma consciência sempre muito clara da origem e da motivação de seus atos.

Quando se trata de distinguir as formas simples e elementares de uma instituição, por certo é incômodo tomar como ponto

de partida da pesquisa rituais complicados, recentes, comentados e provavelmente deformados por uma teologia erudita. Mas nessa ordem de fatos qualquer pesquisa puramente histórica é vã. A antiguidade dos textos ou dos fatos relatados, a relativa barbárie dos povos e a aparente simplicidade dos ritos são indicadores cronológicos enganadores. É desmedido buscar num punhado de versos da *Ilíada* uma imagem aproximada do sacrifício grego primitivo: eles não são suficientes nem mesmo para dar uma imagem exata do sacrifício nos tempos homéricos. Só fazemos ideia dos ritos mais antigos por meio de documentos literários, vagos e incompletos, de sobrevivências parciais e enganosas, de tradições infieis. E é igualmente impossível demandar somente da etnografia o esquema das instituições primitivas. Geralmente truncados por uma observação apressada ou falseados pela precisão de nossas línguas, os fatos registrados pelos etnógrafos só adquirem valor quando cotejados com documentos mais precisos e completos.

Não cogitamos pois empreender aqui a história e a gênese do sacrifício, e se chegamos a falar de anterioridade, trata-se de anterioridade lógica e não de anterioridade histórica. Não é que nos recusamos o direito de recorrer aos textos clássicos ou à etnologia para esclarecer nossas análises e controlar a generalidade de nossas conclusões. Mas, em vez de direcionar nosso estudo para grupos de fatos artificialmente formados, trabalharemos, nos rituais definidos e completos que estudarmos, com conjuntos dados, com sistemas naturais de ritos que se impõem à observação. Coagidos assim pelos textos, estaremos menos expostos às omissões e às classificações arbitrárias. Enfim, como as duas religiões que vão constituir o centro de nossa investigação são muito diferentes, já que uma redundante no monoteísmo e a outra no panteísmo, pode-se esperar, comparando-as, chegar a conclusões suficientemente gerais.<sup>9</sup>

## COLEÇÃO ARGONAUTAS

**Marcel Mauss**

Sociologia e antropologia

**Henri Hubert & Marcel Mauss**

Sobre o sacrifício

**Claude Lévi-Strauss**

Antropologia estrutural

**Claude Lévi-Strauss**

Antropologia estrutural dois

**Pierre Clastres**

A sociedade contra o Estado

**Roy Wagner**

A invenção da cultura

**Marilyn Strathern**

O efeito etnográfico

**Manuela Carneiro da Cunha**

Cultura com aspas

**Eduardo Viveiros de Castro**

A inconstância da alma selvagem

© Ubu Editora, 2017

© Presses Universitaires de France

Este livro foi originalmente publicado pela editora Cosac Naify em 2005.

EDIÇÃO Florencia Ferrari

ASSISTENTE EDITORIAL Mariana Schiller

PREPARAÇÃO Alexandre Morales

REVISÃO Débora Donadel

DESIGN Elaine Ramos

ASSISTENTE DE DESIGN Livia Takemura

PRODUÇÃO GRÁFICA Aline Valli

*Nesta edição, respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hubert, Henri [1872-1927]

Mauss, Marcel [1872-1950]

Sobre o sacrifício: Marcel Mauss e Henri Hubert

Título original: *Essai sur la nature et la fonction  
du sacrifice*

Tradução: Paulo Neves

São Paulo: Ubu Editora, 2017

144 pp.

ISBN 978 85 92886 20 2

1. Etnologia 2. Religião 3. Sacrifício 4. Sacrifício  
animal I. Hubert, Henri, 1872-1927 II. Mauss, Marcel,  
1872-1950 III. Título

13-02862

CDD 306.69134

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Sacrifício: Natureza e função: Instituições religiosas:

Etnologia: Sociologia 306.69134

---

UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 3331 2275

ubueditora.com.br